



ATENDIMENTO HOLÍSTICO A COMUNIDADE LGBTQIAP+: Análise do conhecimento da enfermagem no que tange as ações voltadas para essa população.

RESUMO

O presente trabalho vem para fazer uma análise sobre a importância do atendimento holístico e humanizado a comunidade LGBTQIAP+ e analisar os conhecimentos da equipe de enfermagem sobre as ações voltadas para esta população (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais e outros), bem como os cuidados necessários para a realização deste, visto que o processo de promoção e prevenção à saúde é direito de todo e qualquer cidadão e que a enfermagem tem o principal papel frente a esse processo. A ideia de humanização e o rompimento dos preconceitos frente a esta comunidade é fazer com que pessoas com opções sexuais diferentes, venham a procurar cada vez mais os serviços de saúde e não sejam discriminadas, além disso, tais assuntos podem ser discutidos entre a comunidade de enfermagem para tentar desmistificar a sexualidade do homem enfermeiro. Tendo como objetivos para a realização deste trabalho, enfatizo a avaliação das condutas de enfermagem no acolhimento e atendimento humanizado para com a comunidade LGBTQIAP+, bem como discutir a visão histórica da homossexualidade e analisar o conhecimento da enfermagem no que tange as ações voltadas para esta população. Por tanto se dá a entender que assuntos como orientação sexual e identidade de gênero devem ser discutidos em sala de aula para os futuros profissionais de enfermagem, para que possamos ter um processo de humanização e de respeito mais digno e assim conseguir atrair mais esta comunidade que enfrenta tantos preconceitos. Esta pesquisa trata-se de uma revisão bibliográfica com abordagem qualitativa fundamentada em bases da Scielo e da Biblioteca Virtual, onde foram selecionados artigos datados no período de 2000 a 2017.

Palavras-chave: Enfermagem; Humanização; LGBTQIAP+; Preconceitos; Saúde Pública.

1 INTRODUÇÃO

Culturalmente a homossexualidade traz consigo uma grande história de preconceito e de violação dos seus direitos, verdade essa, fundamentada nos preconceitos atrelados à sua condição sexual e identidade de gênero. A escolha do tema surge com o intuito de discutir os direitos e os deveres da comunidade LGBTQIAP+, que por muito anos sofre com o preconceito e os estigmas da sociedade. Desta forma, faz-se necessário que o profissional de enfermagem esteja atento e capacitado, a realizar um atendimento de assistência à saúde humanizado, holístico e sem preconceitos, com o objetivo de atrair cada vez mais esses usuários para os serviços de prevenção e promoção da saúde, elevando assim sua autoestima na busca e conquista da qualidade de vida no âmbito social.

Diante das informações obtidas pelo ministério da saúde no que diz respeito às dificuldades do acesso a informações relacionadas a saúde da comunidade LGBTQIAP+, buscou e continua buscando eliminar a discriminação e o preconceito institucional, para tal, faz-se necessário o processo de humanização, que segundo (Souza et al. 2009) implica em profissionais de enfermagem qualificados para tais estratégias. (Alves 2016) afirma ainda que a enfermagem é uma profissão voltada para o cuidado e que por muito tempo carregou consigo o preconceito sobre o homem enfermeiro, ficando assim claro que o acolhimento da comunidade LGBTQIAP+ é um avanço para o rompimento desse paradigma preconceituoso, compreendendo que a enfermagem tem que ter um maior conhecimento sobre a visão histórica da homossexualidade a fim de dar uma atenção holística a esta comunidade que por anos passa por uma grande opressão social, religiosa e psicológica dando uma assistência de qualidade e sem riscos de preconceito,

Deste modo, faz-se necessário o levantamento de condutas em questões como promoção de saúde voltada para a comunidade LGBTQIAP+, com o propósito de atrair cada vez mais usuários para os serviços de saúde, como contrapartida tentar diminuir os índices de IST's e tentar elevar a autoestima desses usuários. Consequentemente analisar as ações de enfermagem voltadas para esta comunidade e tentar desmistificar os paradigmas impostos pela sociedade de que homossexual não é capaz de ter uma vida social saudável, rompendo os preconceitos para com os mesmos, tratando-os como seres humanos e não como pessoas mais inferiores e vulneráveis.

O desconhecimento sobre os direitos da comunidade LGBTQIAP+, leva cada vez mais jovens Gays, Lésbicas, Travestis, Transexuais e Bissexuais a não procurar atendimento à saúde nas UBS (unidades básicas de saúde). Visto que nos últimos tempos a comunidade LGBTQIAP+, está tendo uma maior visibilidade. Diante dessa problemática, vale indagar como a enfermagem poderá assistir de forma holística e humanizada com base nos direitos destes usuários?

Diante destas explicações a presente pesquisa vem com objetivo de analisar as condutas de enfermagem no acolhimento e atendimento humanizado à esta comunidade, descrevendo a visão histórica da homossexualidade e levantar as condutas do profissional de enfermagem frente a estes pacientes, e por fim analisar o conhecimento da enfermagem no que tange as ações voltadas para a comunidade LGBTQIAP+.

1.1 Abordagem Histórica da Homossexualidade.

Indubitavelmente a homossexualidade é um dos assuntos mais discutido nos tempos atuais, porém se nos depararmos com o seu conceito socio-cultural iremos perceber que existia um conceito muito elevado sobre as práticas sexuais, para (Moreira Filho e Madrid 2008) a homossexualidade não é algo novo no comportamento humano, ou seja, não se trata de uma forma “moderna” de viver. A homossexualidade é algo que já existe há muito tempo, mesmo antes de Cristo, já se verificava a existência de relações homossexuais.

Segundo (Gonçalves, 2017) na Grécia, a relação entre pessoas do mesmo sexo tinha uma função pedagógica, onde seu tutor praticava o ato sexual com intuito de estreitar as afinidades afetivas e intelectuais de ambos, porém para que isso acontecesse teria que ter o consentimento dos pais do próprio jovem.

De acordo com (Moreira Filho e Madrid, 2008) o “fenômeno” da homossexualidade

não está limitado às sociedades ocidentais, já que em civilizações orientais como, por exemplo, a chinesa, seja por motivo religioso ou cultural, a homossexualidade era vista com naturalidade.

(Moreira Filho e Madrid, 2008). Diz ainda que, no império romano a homossexualidade era vista de outra forma, o desejo sexual que se tinha por jovens era totalmente aceito, porém tal aceitação sofreu mudanças, pois o amor entre um romano com um jovem livre não era bem aceito, já o romance entre romanos e jovens escravos não sofria nenhum tipo de restrição.

No Brasil a história da homossexualidade também não é algo novo, segundo (Girardi, 2005) ele diz que em algumas tribos brasileiras a relação entre pessoas do mesmo sexo era uma situação comum, entre os primeiros habitantes do Brasil, bem antes da colonização, com relacionamentos entre indígenas nativos e seus descendentes. (Girardi, 2005, p.89) afirma ainda que:

No Brasil, o sexo homossexual sempre fora praticado entre os índios. Em algumas tribos, essa era a forma de curandeiros passarem seus conhecimentos. Rituais de iniciação fazem parte da tradição do índio entrando na puberdade, em muitas comunidades inclui-se a iniciação sexual. O bato, tenda dos homens, foi presenciado no Séc. XIX pelo naturalista alemão Karl Von den Steiner. A falta de mulheres disponíveis na tribo também era resolvida de forma prática.

As relações entre pessoas do mesmo sexo não eram notadas apenas na Roma e na antiga Grécia grande exemplo seria a Índia onde grande maioria dos Deuses cultivados eram hermafroditas travestidos, desta forma para tal população a procriação não era o único objetivo do sexo, tal ato resumia-se mais em questões de prazer e poder, essas relações eram tratadas com naturalidade, pois a busca maior era a do prazer que estaria ligada a misticidade a fim de compreender os enigmas dos seus deuses. (Moreira Filho e Madrid, 2008).

Com o surgimento do catolicismo, houve uma grande alteração com relações sexuais, onde relações que não tinham por finalidade a procriação eram consideradas impuras e abomináveis. (Moreira Filho e Madrid, 2008).

1.2 “Peste Gay” Uma forma errônea de ver a homossexualidade.

Na década de 80 houve o surgimento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida onde o público alvo era homens americanos que mantinham relações sexuais como outros homens, por este motivo começou a ser popularmente chamada de “Peste gay”, neste momento, começa algo que marca os movimentos LGBTQIAP+, em parceria com o estado, em especial, as áreas governamentais da saúde. (Parker, 2000).

Em meados dos anos 90 mais específico no dia 17 de maio a Organização Mundial da Saúde (OMS) retira a homossexualidade do rol de doenças mentais, junto a esta decisão o sufixo “ismo” também foi retirado desvinculando a orientação sexual como enfermidade, esta data é tão memorável que passou a comemorar o dia Internacional ao combate à Homofobia. (Carrano, 2013).

1.3 A inserção da comunidade LGBTQIAP+ nas Políticas públicas.

Segundo a Carta dos direitos dos usuários da saúde todo cidadão tem direito ao acesso ordenado aos sistemas de saúde, com atendimento humanizado, acolhedor e livre de qualquer discriminação. (Ministério da Saúde, 2011).

Norteadas pelas ideias da transversalidade, a PNH (Política Nacional de Humanização) foi criada para estimular a comunicação entre gestores, trabalhadores e usuários com intuito de requalificar um atendimento mais humano valorizando os diferentes usuários de saúde tendo como foco as necessidades dos cidadãos e o próprio processo de trabalho em saúde. (Ministério da Saúde, 2003)

Intitulado Programa Brasil sem Homofobia, criado pelo governo federal, cuja a finalidade vem a ser reconhecer o trajeto de milhares de brasileiros que por anos vem se dedicando a luta pelos seus direitos humanos e sociais. Este programa tem como objetivo educar a mudar o comportamento dos gestores públicos, no que se diz respeito aos direitos da comunidade LGBTQIAP+, a partir dessa proposta foram elaborados outros documentos governamentais para atender as especificidades de demanda da população LGBTQIAP+ como a política Nacional de Saúde Integral e a Promoção da cidadania e Direitos Humanos. (Ministério da Saúde, 2004)

Sabendo das dificuldades do acesso a informações relacionadas à saúde da comunidade LGBTQIAP+ o ministério da Saúde cria uma Política nacional que tem por objetivo promover a saúde integral de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, eliminando a discriminação e o preconceito institucional, bem como contribuindo para a redução das desigualdades e a consolidação do SUS como sistema universal, integral e equitativo. (Ministério da Saúde, 2011).

Para (Souza et al., 2009) O processo de humanização a população LGBTQIAP+ implica na mentalidade dos enfermeiros e requer profissionais qualificados para essa estratégia. Porém para que isso ocorra torna-se essencial incluir temas como orientação sexual, identidade de gênero e educação sexual nos currículos de formação acadêmica de enfermagem,

Baseado por um conjunto de diretrizes as políticas LGBT's requer seus planos e metas para a sua realização sanitária, tendo um importante papel da sociedade para que os seus direitos venham-se fazer presentes, no sentido de equidade realizando ações para evitar a discriminação. (Alves, 2016).

Alves (2016) afirma que a atenção básica sendo ela à porta para o pré-atendimento multiprofissional deve por sua vez colocar as políticas nacionais a população LGBTQ+, em vigor, realizando campanhas e palestras a fim de atrair mais este público. (Alves, 2016; p08) afirma ainda que:

O enfermeiro deve realizar as ações junto à comunidade LGBTQ+, desde o adolescente até mesmo o idoso LGBTQ+, oferecendo informações sobre as doenças sexualmente transmissíveis, prevenção de casos de câncer de próstata e o câncer de útero e assim como garantir os direitos reprodutivos integrais e a relação do índice de suicídio por depressão nesses clientes, dentro das unidades básicas de saúde.

Desta forma (Natarelli et al., 2015) afirma que jovens homossexuais são considerados como mais vulneráveis, tanto pela violência praticada contra a população LGBTQIAP+, quanto pela exclusão social, pois esses jovens são considerados fora dos padrões normativos da sociedade, e isso faz com que a saúde destes jovens homossexuais seja afetada.

Segundo (Castro, Luiz et al., 2014) o processo saúde-doença está interligada a exclusão

social gerada pelo desemprego, pela falta de acesso à moradia e a alimentação e as dificuldades encontradas no acesso à educação, lazer e a cultura, interfere diretamente na qualidade de vida e saúde dessa população.

De acordo com o Ministério da Saúde no ano de 2012 cerca de 4.851 casos de ódio contra a população LGBTQIAP+, foram registrados, sendo que 61,16% das vítimas tinham entre 16 e 19 anos. Compreendendo o principal papel da enfermagem na arte do cuidar e sabendo que o Brasil é um dos países em que mais se pratica crimes de cunho homofóbico, transfóbico e lesbofóbica, é de suma importância o papel da enfermagem no atendimento humanizado a vítimas desse tipo de violência ou até mesmo de tentativas de suicídio, acreditando que essas pessoas chegam às unidades hospitalares fragilizadas precisando de uma equipe humanizada e especializada independente do quadro de consciência do indivíduo e impulsioná-lo a busca de seus direitos. (Natarelli; et al, 2015)

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O referente trabalho trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica com abordagem qualitativa, analisando trabalhos que fazem a discussão da problemática inserida na pergunta dirigida desta pesquisa, através de uma construção de análises a partir de 14 trabalhos que tratam o tema proposto, baseando-se no referencial de (Alves 2016, p.06) que diz que “A enfermagem sempre foi voltada para o cuidado, e tem em sua história um pouco de preconceito vindo dos primórdios, onde em um determinado período a profissão era exercida por mulheres de rua e nos tempos atuais carregam consigo a dúvida sobre a masculinidade do homem enfermeiro”.

Ainda nesta perspectiva (Gil 2008) afirma que a pesquisa exploratória serve de forma a proporcionar uma maior aproximação com o problema proposto no tema. A pesquisa pode ainda envolver levantamentos bibliográficos. Para a realização desta pesquisa foi realizado um questionário com quatro questões que teve como critério de seleção enfermeiras atuantes em Unidade Básica de Saúde do município de Cícero Dantas, Bahia, localizado no Território Semiárido nordeste II. Após a explicação do tema e importância da proposta as enfermeiras que ficaram denominadas de Enfa01, Enfa02 e Enfa03, preencheram um termo de consentimento adotados nesta pesquisa obedecendo aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos, conforme a Resolução nº. 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde, e após o preenchimento responderam todas as questões.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Questionadas sobre o conhecimento acerca da Política Nacional de Saúde Integral LGBTQIAP+ e para que de fato ela seja concretizada.

Enfa01 diz que: “A política foi criada para minimizar e eliminar preconceito institucional. Agindo sem discriminação, oferecendo orientações e acolhimento no que for necessário”.

A Enfa02 por sua vez diz que: “A política tem como objetivo valorizar a saúde como um direito humano de cidadania e vale ressaltar que a população LGBT tem direito a receber atendimento livre de qualquer discriminação, restrição ou negação em virtude de orientação sexual e identidade de gênero; qualificação dos profissionais, bem como qualificação do atendimento adequado, garantindo a integralidade da atenção; produção de materiais e estratégias

educativas destinadas à promoção e proteção da saúde da população LGBT”.

Já a opinião da Enfa03 é; “Esta lei amplia o atendimento equânime para as comunidades LGBT’s garantindo a atenção integral no âmbito do SUS.”

Na pergunta subsequente foi questionado sobre quais estratégias poderia ser adotado para tentar atrair a comunidade LGBTQIAP+ para as USB e assim evitar um aumento nos índices de IST’s.

A Enfa01 expor as suas respostas da seguinte maneira; “Promovendo atividade educativa inicialmente nas escolas, pois principalmente os adolescentes e o público masculino possuem resistência para procurar a USF”.

Já a Enfa02 diz que:” oferecer atendimento humanizado; manter sigilo das informações, com escuta qualificada; inclusão de ação na programação anual de saúde sobre a saúde da população LGBT”.

A resposta da Enfa03 contesta que; “Primeiramente gerar vínculo para que os (as) usuários (as) sintam-se seguros e a vontade para as consultas de Planejamento Familiar o qual está inserido a estratégia de prevenção das IST’s; já o diagnóstico podemos ofertar testes rápidos”.

Questionadas sobre a demanda no atendimento a pacientes LGBTQIAP+ e se a demanda for negativa quais os motivos elas acreditam de ter essa evasão.

A Enfa01 diz que: “Não recorro de nenhum LGBTQI procurar a USF”.

A Enfa02 diz que: “Na UBS Benício Tomaz temos uma boa demanda da população LGBT”

Já a Enfa03 diz que: “Hoje 09/11/2018 tenho uma demanda pequena frente aos usuários da área de abrangência da ESF”

Indagadas sobre a importância de se trabalhar assuntos como homossexualidade e identidade de gênero na graduação de enfermagem.

Enfa01 relatou que: “Preparar os futuros profissionais para as orientações devida na promoção e prevenção além de aprender a ouvir o ser humano em sua complexidade”.

Enfa02 relata que: “É de grande importância trabalhar esse tema na graduação para desmistificar, modificar a desigualdade e o preconceito. Dar margem a se debater e analisar os conteúdos da Política Nacional de saúde integral dos LGBT, levando-se em conta a qualidade, a dignidade da pessoa e os valores humanos universais e democráticos”.

Enfa03 ainda traz outras discussões acerca da sua resposta “É de extrema importância à abordagem do assunto não só na graduação e sim em todo âmbito da educação (desde casa), pois hoje em dia é inaceitável qualquer tipo de preconceito”.

4 CONCLUSÃO

Este trabalho possibilitou fazer um resgate em assuntos que para muitos ainda é considerado um tabu. Desta forma foi possível discutir a história da homossexualidade podendo avaliar quais condutas os profissionais de enfermagem exercem no acolhimento e no atendimento humanizado a esta população e discutir o discernimento da enfermagem frente à esta comunidade e aos seus direitos e assim pode-se trazer em pauta assuntos como a importância do uso do nome social para pessoas transexuais.

Diante disto ficou evidente que a relevância do papel do enfermeiro e o quanto o enfermeiro precisa estar se atualizando para que possa atender de forma holística e humanizada todo e qualquer cidadão, de forma acolhedora para que este usuário de saúde se

sinta confortável para retornar à unidade de saúde.

REFERÊNCIAS

- ALVES: Cassio Murilo Rodrigues; **O papel da enfermagem no rompimento dos preconceitos LGBT nos serviços de saúde**. Disponível em: <http://conic-semesp.org.br/anais/files/2016/trabalho-1000022939.pdf>. Acesso em: 20 de setembro de 2017.
- BRASIL: Ministério da saúde; **Carta dos direitos dos usuários da saúde**. Ano de 2011.
- _____. Ministério da saúde: **Política Nacional de humanização**. Ano de 2004.
- _____. Ministério do desenvolvimento social e agrário: **Garantia da utilização do nome social para pessoas travestis e transexuais**. Ed. 01, ano de 2016.
- _____. Ministério da Saúde: **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais**. Ano de 2014.
- CARRANO, Paulo. **Há 23 anos a homossexualidade deixava de ser considerada pela OMS uma doença mental!** Disponível em: <http://www.emdialogo.uff.br/content/ha-23-anos-homossexualidade-deixava-de-ser-considerada-pela-oms-uma-doenca-mental>. Acesso em: 15 de outubro de 2017.
- CASTRO, Camila et al: **Saúde integral da população LGBT – I. Promoção da Equidade no SUS**. Fascículo 7, Fortaleza, 146-191, 2014.
- GONÇALVES: Rainer. **História da homossexualidade**. Disponível em: <http://historiadomundo.uol.com.br/idadecontemporanea/historiahomossexualidade.html>. Acesso em: 15 de outubro 2017.
- GIL, A. C. **Método e técnicas de pesquisa social**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2008.
- GIRARDI, Viviane. **Famílias Contemporâneas, filiação e Afeto. A possibilidade Jurídica da adoção por homossexuais**. Porto Alegre, livraria do Advogado. Ano de 2005.
- JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2ª ed. Brasília, 2012.
- MOREIRA FILHO: Francisco Carlos. MADRID: Daniela Martins: **A homossexualidade e sua historia**. V8, n4 de 2008 disponível em: <http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/1646>.
- NATARELLI: Taison Regis Penariol et al: **O impacto da homofobia na saúde do adolescente**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v19n4/1414-8145-ean-19-04-0664.pdf>. Acesso em 15 de outubro de 2017.
- PARKER: Richard. Na contramão da AIDS: Sexualidade, intervenção, politica. Rio de Janeiro: ABIA, 2000.
- SOUZA: Patrícia Juliana et al: **Humanização no acolhimento de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais na atenção básica: reflexões bioéticas para enfermagem**. Ano de 2004 Disponível em: http://www.abeneventos.com.br/2senabs/cd_anais/pdf/id141r0.pdf: acesso em 20 de setembro de 2017.
- SOUZA: Patrícia Juliana et al: Humanização no acolhimento de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais na atenção básica: reflexões bioéticas para enfermagem. Disponível em: http://www.abeneventos.com.br/2senabs/cd_anais/pdf/id141r0.pdf: